
ENTREVISTA CONCEDIDA A ADRIANA MARTINS DOS SANTOS E CHARLENE JOSÉ DE BRITO

Pastor Djalma Torres

Djalma Torres é natural de Itagi, Bahia. Graduou-se em Teologia e em Ciências Sociais, possui Especialização em História e Cultura da África e Afrodescendência e é Mestre em Teologia. Pastoreou as Igrejas Batista da Graça (1970 a 1975) e Batista de Nazareth (1973 a 2007), em Salvador. É Presidente do Centro de Pesquisa, Estudos e Serviço Cristão (CEPESC), do Conselho Ecumênico Baiano de Igrejas Cristãs (CEBIC), da Igreja Evangélica Antioquia e da Fraternidade de Igrejas Evangélicas do Brasil. Membro do Koinonia - Presença Ecumênica e Serviço, do Rio de Janeiro, atualmente tem desenvolvido trabalhos na região de Canudos, como membro fundador e diretor do Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC). Publicou em 2011, a obra Caminhos de Pedra, livro que narra a sua trajetória de vida e seu engajamento no movimento ecumênico, atuação que o aproximou do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) e Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI). Em 2012, recebeu o Prêmio Direitos Humanos, na Categoria Diversidade Religiosa pelas atividades realizadas em favor do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

Perspectiva Histórica: É possível nos relatar um pouco sua experiência de conversão à denominação batista?

Djalma Torres: *Sou filho de pais batistas e desde cedo frequentei a Igreja Batista de minha cidade, Itagi. Na adolescência, já em Jequié, me afastei da Igreja e voltei na juventude com entusiasmo e muito envolvimento. Decidi fazer teologia e segui para Recife, onde me graduei em teologia, em um Seminário Batista, e depois me transferi para Salvador, onde estou até hoje. No mesmo seminário comecei o mestrado em teologia tempos depois.*

PH: Em 2012, o senhor lançou o livro “Caminhos de Pedra”. Trata-se de uma autobiografia, mas cheia de documentos importantes para a análise de sua trajetória religiosa. Pode nos falar sobre o que este livro representou?

DT: *O livro me custou muitas noites de insônia, primeiro por achar que eu não era importante para escrever livro; em segundo lugar porque, depois da decisão de escrever, definir o que deveria constar do livro.*

Na decisão pesou a opinião dos familiares e amigos. E aí considerei que a leitura do livro poderia apresentar, no meu

exemplo, um estímulo para a sua caminhada.

O livro descreve três momentos diferentes da minha vida: uma autobiografia, serviço pastoral de mais de 40 anos de um serviço pastoral intenso e a experiência de envolvimento com o movimento ecumênico e o diálogo inter-religioso. Considero o livro um depoimento importante para este momento da vida da sociedade que contempla a diversidade cultural e religiosa.

PH: Em certo momento do livro, o Senhor fala sobre o assalto de que foi vítima, dos meses que passou no hospital entre a vida e a morte e depois nos relata que este episódio teria exercido influência na sua relação com o sagrado. Isto representou de certa forma uma nova conversão?

DT: *Eu não classifico assim. Digo que representou um maior compromisso diante de Deus, na luta contra toda e qualquer forma de preconceito. E assim tem sido a minha atuação pastoral há mais de 30 anos.*

PH: Como e quando começou a sua aproximação com o movimento ecumênico e as suas primeiras experiências ecumênicas?

DT: *Com o movimento ecumênico, desde o início do meu pastorado, em 1970. Primeiro com os diversos segmentos evangélicos e depois com anglicanos e católicos. Mas, na verdade, eu sempre nutri um sentimento de boa vontade com as demais igrejas, mesmo antes de me tornar pastor.*

PH: Quais foram suas primeiras influências teológicas?

DT: *Tive uma formação teológica muito boa, que foi além da tradicional. Estudei Bonhoeffer, Tillick, os teólogos da Morte de Deus, etc. Também tive o privilégio de conviver com João Dias, Zwinglio Mota Dias, Rubem Alves, D. Helder Câmara, Leonardo Boff e outros mais, tanto protestantes como católicos.*

PH: Richard Shaull e/ou os teólogos da libertação influenciaram a sua prática ecumênica?

DT: *Li Richard Shaull no Seminário e, depois, como pastor. Ajudei a construir a teologia da libertação, mas fiz a minha própria caminhada ecumênica, junto com católicos, anglicanos e protestantes. Já na Bahia, a partir de 1975, participei com o teólogo católico Juan Bauzin, falecido há poucos anos, da implantação do movimento ecumênico na Bahia.*

PH: Como era a sua relação com os demais protestantes (outras denominações), espíritas, católicos?

DT: *Eu comecei o meu pastorado bastante comprometido com a denominação batista, onde exerci várias funções, tanto na Bahia como em nível nacional, mas aos poucos e progressivamente o meu envolvimento ecumênico e a minha postura teológica me afastaram de algumas denominações e de seus pastores. Na medida em que fui ampliando a minha relação ecumênica, incluindo setores da Igreja Católica, o afastamento foi mais decidido. A relação com os espíritas aconteceu um pouco depois.*

PH: Seu trabalho ecumênico estendeu-se para outras localidades na Bahia ou foi apenas na capital?

DT: *Eu me transformei num apóstolo do ecumenismo, uma espécie de referência nacional. Andei e tenho andado pelo Brasil inteiro e fora do país falando sobre o movimento ecumênico. Estive em Manágua, na Nicarágua, e em Cuba, duas vezes. Participei de eventos no Brasil, reunindo líderes e igrejas ecumênicas da América Latina e do Caribe, dos Estados Unidos e da Europa.*

Liderei a criação de um seminário de teologia ecumênico na Bahia, (ITEBA), fiz parte da fundação de Koinonia, no Rio de Janeiro, e, há mais de 20 anos, estou participando do movimento de Canudos, onde ajudei a fundar o Instituto Popular Memorial de Canudos.

Perspectiva Histórica: Qual o significado da Igreja Batista Nazareth para o movimento ecumênico na Bahia e no Brasil?

DT: *A Igreja Batista Nazareth nasceu em um momento difícil, em plena ditadura militar e lutou contra a ditadura, acolheu pessoas e movimentos de resistência, aceitou o batismo de outras igrejas, estabeleceu a ceia ultra livre, defendeu o divórcio antes da aprovação pelo Congresso Nacional e liderou a organização da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos na Bahia. Foi, em resumo, o despertar de um novo dia para a unidade das igrejas na Bahia.*

Hoje faz parte do Conselho Ecumênico Baiano de Igrejas Cristãs-CEBIC, da Coordenadoria Ecumênica de Serviço-CESE, uma instituição ecumênica nacional e do Conselho Latino-Americano e Caribenho de Igrejas-CLAI, também uma instituição ecumênica. Do CEBIC e da CESE

fazem parte as igrejas católica, protestantes, anglicana e ortodoxa. Do CLAI, não faz parte a Igreja Católica.

PH: Com quem os ecumenistas se entenderam politicamente na Bahia?

DT: *Não tenho certeza. Um grupo pequeno lutou contra a ditadura, apoiou o movimento das diretas, fez campanha em favor do PT, mas um grupo maior apoiou e colaborou com a ditadura.*

PH: Como o senhor viu a aproximação de alguns ecumênicos progressistas com um governo de 'direita', ou melhor, conservador, e aliado dos militares? Clériston Andrade, por exemplo, era aliado de Antonio Carlos Magalhães, mas em seu livro "Caminhos de Pedra", é possível perceber que havia uma relação de proximidade entre ele e os evangélicos. Isto se dava por conta de Andrade ser batista?

DT: *Clériston Andrade era amigo de Antonio Carlos Magalhães. Foi por ele nomeado Prefeito e candidato ao Governo do Estado, em cuja campanha morreu. Era diácono da Igreja Batista da Graça e um líder leigo batista no Estado. Eu fui o seu pastor durante o período em que pastorei a Igreja. Era íntegro e*

ético. Muitas vezes estive em sua casa por volta das seis horas da manhã para orarmos juntos. Naquele período, o Jornal da Bahia fazia forte reação contra ACM, e Clériston, como Prefeito, era um alvo diário das críticas do jornal.

PH: O senhor sofreu alguma perseguição durante a Ditadura Militar, por parte dos militares, de membros da Igreja Batista ou de outras denominações?

DT: *Perseguição não. Sofri restrições e creio ter sido acompanhado de perto pela ditadura. Pastores e igrejas me mantinham afastados do seu convívio. O meu trabalho pastoral incomodava muitas igrejas e o sistema. Eu vivi muito tempo isolado e marginalizado entre os evangélicos. Ainda hoje a situação não é diferente.*

PH: Percebe-se que o movimento ecumênico conseguiu atingir, sobretudo, setores da classe dominante. Não houve identificação dos grupos populares com o ecumenismo?

DT: *Houve sim. O movimento ecumênico se desenvolveu e ainda hoje não é diferente, em três níveis simultâneos: no nível eclesiástico, no nível teológico e no nível de base, que é, na verdade, onde há menos*

barreiras. Nos movimentos sociais, nas reuniões de grupos, em reivindicações de rua, há uma convivência fraterna, solidária e de respeito popular em relação à pertença a uma igreja.

PH: Qual a relação que o senhor faz do movimento ecumênico dos anos de 1960 e o ecumenismo praticado atualmente?

DT: *Nos anos de 1960 o movimento ecumênico estava no seu início, havia desconfiança de um lado e entusiasmo de outra parte. Fazia pouco tempo que o Conselho Mundial de Igrejas tinha sido criado e um vento favorável soprava em todas as direções. O Concílio Vaticano II contribuiu decisivamente para o seu sucesso. Hoje o movimento ecumênico está em crise. Perdeu prestígio e credibilidade. Há um anseio por algo que ultrapasse as fronteiras ecumênicas.*

PH: Quais são as perspectivas do movimento ecumênico hoje?

DT: *Acho que vai continuar no nível eclesiástico e teológico, com discussões sobre temas doutrinários e teológicos, mas nada além disso. Os meios populares e a sociedade de um modo geral acham sem relevância o discurso ecumênico. Querem algo mais.*

PH: Quais são os principais desafios que as igrejas que têm interesse de realizar um diálogo inter-religioso enfrentaram e ainda enfrentam?

DT: *O diálogo inter-religioso ainda é um problema sério para as igrejas. Poucas são as que levam a sério o assunto. E não é possível minimizar as razões. O diálogo pressupõe o respeito e o acolhimento ao outro, com as suas peculiaridades e acatamento das diferenças. A diversidade cultural e religiosa hoje é um anseio e um apelo da sociedade dos nossos dias.*

PH: O que leva as igrejas a praticar a intolerância? O monoteísmo cristão contribui para que a maior parte das igrejas cristãs adote este posicionamento?

DT: *A intolerância religiosa é mais forte nas religiões de raízes monoteístas, mas existem exceções muito expressivas na história das igrejas cristãs. Na minha experiência, a intolerância é o resultado de ignorância, do fundamentalismo e do desejo de poder prevalentes em algumas igrejas e por parte de muitos eclesiásticos. Contudo, vale destacar que há um grupo de teólogos, um número pequeno de igrejas e uma atuação firme de líderes religiosos trabalhando contra a intolerância.*

PH: O medo de uma suposta conversão a outro credo dificulta o diálogo inter-religioso ou mesmo o ecumenismo?

DT: *É fato que há igrejas resistentes tanto ao movimento ecumênico quanto ao diálogo inter-religioso. Creio que há um discurso de depreciação, de demonização contra as religiões não cristãs. Mas há dois fatos novos nessa situação: muitas pessoas se envolvem no movimento ecumênico e participam do diálogo inter-religioso, mesmo sendo as suas igrejas contrárias; o segundo fato é que há um movimento de dupla pertença, ou seja, de pessoas que participam de duas religiões diferentes, e o fazem com naturalidade.*

PH: Como o senhor avalia a avalanche neopentecostal para o projeto ecumênico no País e na Bahia?

DT: *Considero uma exploração do Evangelho o que está acontecendo no mundo religioso de corte pentecostal. São igrejas apoiadas numa vertente teológica da prosperidade, onde não há princípios, ética, respeito ao diferente e interpretação correta da Bíblia. Considero que essas igrejas são mais empresas eclesiásticas do que igrejas responsáveis pelo anúncio do*

Evangelho. Todo esse rosário de impropriedades cria embaraços para a relação ecumênica.

PH: Nos últimos anos, o Senhor tem caminhado cada vez mais em direção à prática do diálogo inter-religioso com várias religiões. Como as pessoas e os grupos religiosos que o acompanharam nesta sua trajetória têm lidado com isto?

DT: *O diálogo inter-religioso é fundamental para o futuro da humanidade. A convivência com o diferente é uma riqueza. Deus não é Deus de nenhuma religião, de nenhum povo, de nenhum sistema de governo, mas Deus de todo o mundo, de toda a humanidade de todas as crenças. Sinto-me imensamente feliz por reconhecer a beleza de cada religião e poder sentir que Deus está presente em cada uma delas.*

Faço parte de um grupo ainda pequeno que está na caminhada, mas plantando sementes em muitas partes do País e em regiões distantes do mundo. O horizonte é a afirmação do poeta espanhol Antonio Bandeira: “Caminhante, não há caminho; o caminho se faz ao caminhar”. No meu caso, muito particularmente, sou alimentado também pelo texto do Salmo 16:11: “Tu me farás ver os caminhos da vida...”

PH: Em 2012, o Senhor recebeu o Prêmio Direitos Humanos 2012, na Categoria Diversidade Religiosa. Gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre o significado deste prêmio na sua luta pelo diálogo inter-religioso.

DT: *Eu não imaginava que isso pudesse acontecer. Fui apanhado de surpresa e, no contato inicial, pensei que fosse uma brincadeira. Depois fui tomando consciência da grandeza do prêmio e me emocionei bastante ao receber o troféu, em Brasília, no Palácio do Itamaraty, das mãos da Presidente da República Dilma Rousseff. Com sincera humildade, tenho dedicado o prêmio às pessoas e às religiões que têm estado na mesma caminhada que tenho feito.*

R
E
S
E
Z
H
A
S

R
E
S
E
Z
H
A
S

R
E
S
E
Z
H
A
S

